



II Simpósio Pós-Estruturalismo e Teoria Social: Ernesto Laclau e seus Interlocutores  
25 a 27 de setembro de 2017  
Pelotas/RS – Brasil

Grupo de Trabalho 3: Teoria do Discurso, ciência e tecnologia

Teoria do Discurso nas Mídias Sociais:  
reflexões laclauianas à luz da Teoria Ator-Rede

Otávio Vinhas  
Mestrando em Sociologia  
Universidade Federal de Pelotas  
E-mail: otavio.vinhas@gmail.com



## **Teoria do Discurso nas Mídias Sociais: reflexões laclaunianas à luz da Teoria Ator-Rede**

Otávio Vinhas<sup>1</sup>

### **RESUMO:**

O presente trabalho tem a intenção de propor uma reflexão teórico-epistemológica sobre os limites e possibilidades das articulações discursivas laclaunianas nos espaços de interação das mídias sociais. Para tanto, utiliza-se como referencial a Teoria Ator-Rede de Bruno Latour, buscando entender como os conceitos de Antagonismo e de Hegemonia podem ser entendidos a partir de uma lógica associativa das redes formadas entre atores (humanos e não-humanos) e intermediários. Para este fim, baseando-se na possibilidade da realização de um mapeamento das controvérsias nas mídias sociais, segundo os preceitos metodológicos da Cartografia das Controvérsias, questiona-se como os antagonismos discursivos se materializam nos espaços de mediações delimitados pelas mídias sociais, em seu caráter não neutro. Portanto, aproximando as ideias de contingência e precariedade à mobilidade indeterminada das formas de organização das redes na Teoria Ator-Rede, objetiva-se introduzir como, teoricamente, as disputas discursivas em Laclau podem ser compreendidas no âmbito das mídias sociais, conforme a lógica de mapeamento das controvérsias entre os atores.

**PALAVRAS-CHAVE:** Teoria Ator-Rede; Mídias Sociais; Teoria do Discurso; Ernesto Laclau

---

<sup>1</sup> Mestrando em Sociologia pela Universidade Federal de Pelotas. E-mail: otavio.vinhas@gmail.com



## 1. INTRODUÇÃO

O debate em torno da influência das mídias sociais nas dinâmicas de associação, organização e de manifestação política passou a ganhar maior notoriedade ainda em 2011 - ano que ocorreu a chamada “Primavera Árabe” -, passando pelas manifestações de junho de 2013 no Brasil. Atualmente, o foco da discussão está direcionado para eventos como a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos, bem como para a decisão pelo Brexit, na Inglaterra. A semelhança que se constata entre todos estes eventos - mas mais notadamente nestes dois últimos - está no fato de que as articulações discursivas que favoreceram o resultado dos pleitos estiveram fortemente relacionadas com as mídias sociais.

Diante deste cenário, para que se possa compreender as mobilizações das associações identitárias contemporâneas, entendemos como estritamente necessário o estudo das novas mídias para além do seu aspecto funcional, ou seja, é preciso uma abordagem diferente daquela que as anuncia como meras ferramentas que proporcionam, em caráter neutro, a conectividade entre humanos.

Neste contexto, a Teoria do Discurso de Ernesto Laclau pode se revelar como um instrumento oportuno para apreender as articulações discursivas, tendo em vista o modo como se dão as formações identitárias nas redes interações, estruturadas em antagonismos discursivos, segundo o pensamento do autor argentino. Assim, a identificação do papel dos veículos de mídia social nas manifestações de um social cada vez mais fragmentado pelas suas heterogeneidades é salutar para refletir sobre as profundas diferenças de visão de mundo produzidas por grupos em posições opostas no mapeamento do social.



Desta forma, utilizaremos a Cartografia de Controvérsias da Teoria Ator-Rede como proposta metodológica para esta pesquisa introdutória, visto que a sua abordagem simétrica entre humanos e não-humanos permite a elaboração de uma visão dinâmica e não essencialista das redes sociotécnicas. Assim, entendendo as mídias sociais como mediadoras ativas na constituição de associações no social, entende-se como possível a realização de uma reflexão sobre o papel midiático nas formas assumidas pelas articulações política atuais.

## **2. Ernesto Laclau e a Teoria do Discurso**

A teoria do discurso de Laclau tem as suas raízes no pós-estruturalismo, movimento intelectual emergido na França no final da década de 1960, que se notabilizou pelo rompimento filosófico-epistemológico com a idéia de estrutura, isto é, com a concepção de um núcleo central como elemento fundamental e determinante do interior de uma estrutura social. Essa postura - chamada de antifundacional ou pós-fundacional<sup>2</sup> - atua no sentido de descentralizar os processos de significação, ressaltando que esta se dá tão somente pela pluralidade dos jogos de linguagem, articulados a partir da heterogeneidade, do indeterminismo e do anti-essencialismo. Neste sentido, observamos que o termo estrutura é substituído pela noção de discurso, na qual os processos de significação serão sempre dinâmicos e contingentes, ou seja, sem um fechamento final<sup>3</sup>.

Partindo dessa linha de pensamento, podemos entender como Laclau passou a levar a dimensão dos “pós” também para a tradição marxista. O movimento aqui provocado pelo pensador argentino vai no sentido de que, enquanto os marxistas clássicos ainda estavam angariados à concepção de um fundamento último da sociedade, que sustentava a dicotomia de classes sociais de trabalho *versus* capital,

---

<sup>2</sup> RODRIGUES, 2010. p. 172.

<sup>3</sup> LOPES, 2013.



a sua teoria do discurso trata de desvincular o antagonismo marxista de uma visão essencialista<sup>4</sup>. A partir disso, a pluralidade vista no social passa a formatá-lo por um sem número de identidades, em que as relações de antagonismo se dão não por um *a priori* universal, mas por um *locus* particular<sup>5</sup>.

Nesta lógica, o social passa a se tornar um social significativo, isto é, formado por não apenas uma verdade objetiva, mas por uma miríade de formas de conceber verdades, no sentido heterogêneo<sup>6</sup> - daí é que Laclau afirma que “a sociedade não existe”. O que está no lugar que a ela se atribui são articulações discursivas relacionalmente constituídas<sup>7</sup>, as quais - como já mencionamos - são sempre caracterizadas pela situação de precariedade e contingência<sup>8</sup>.

## 2.1 Articulações Discursivas, Antagonismo e Hegemonia

O discurso pode ser entendido não como uma manifestação restrita ao plano ideal e/ou mental, mas pela sua dimensão prática, formada por palavras e ações<sup>9</sup>. O discurso é o elemento que afirma o caráter relacional das identidades, ele é justamente o que torna os significantes ambíguos no social e que, portanto, os seus significados não estão fixados por uma determinada estrutura discursiva, mas por formações discursivas em disputa. Neste ponto, o discurso pode ser entendido como um conjunto de regras de produção de sentido<sup>10</sup> em que, dada a dimensão social fragmentária e efêmera concebida pelo pós-estruturalismo, torna-se evidente que a multiplicidade de articulações discursivas compostas no social não irá permitir a proliferação de apenas um dado significado<sup>11</sup>, no sentido de uma totalidade.

---

<sup>4</sup> LACLAU; MOUFFE, 1985.

<sup>5</sup> MENDONÇA; RODRIGUES, 2014. p. 48.

<sup>6</sup> Ibidem, p. 49.

<sup>7</sup> LACLAU; MOUFFE, 1985.

<sup>8</sup> MENDONÇA; RODRIGUES, 2014. p. 49.

<sup>9</sup> Ibidem.

<sup>10</sup> BURITY, 2014, p. 61.

<sup>11</sup> LACLAU; MOUFFE, 1985.



A partir de todos esses elementos, podemos finalmente definir o que Laclau veio a chamar de hegemonia. Historicamente, este é um conceito associado à ideia de um poder absoluto, imposto pela força. Gramsci, na primeira metade do século XX, já havia feito uso do termo para modificar as bases fundamentais do marxismo clássico, considerando que, ao invés de serem representados por classes, os agentes sociais eram representados por demandas coletivas<sup>12</sup>, nas quais, após passarem por um processo de articulação, uma determinada classe social acaba por exercer, consensualmente, a sua liderança sobre as outras<sup>13</sup>.

Laclau, como um pós-marxista, vai radicalizar a noção de hegemonia, transferindo-a para a esfera do discurso<sup>14</sup>, apontando para a dispersão de demandas que constitui o social. A hegemonia passa então a estar na “capacidade de representar, enquanto uma posição particular, algo maior, mais abrangente”<sup>15</sup>, atuando como um movimento entre articulações discursivas heterogêneas em que, num certo momento, consegue “significar os fenômenos a que se dirige, de modo a oferecer-se como uma superfície de inscrição de diferentes demandas”<sup>16</sup>. Deste modo, grupos heterogêneos entre si assumem uma identificação em comum para colocar-se contrariamente a uma formação discursiva oposta (antagônica). A hegemonia é, portanto, a capacidade que uma certa demanda demonstra de interpelar uma soma de outras demandas a partir de um ponto nodal<sup>17</sup>, vindo a formar uma articulação discursiva que as represente em conjunto, todavia, sem implicar na renúncia das particularidades que diferem umas das outras.

---

<sup>12</sup> BIGLIERI, 2017, p. 24.

<sup>13</sup> PESSOA, 2014, p. 153.

<sup>14</sup> BIGLIERI, 2017, p. 24

<sup>15</sup> BURITY, 2014, p. 66.

<sup>16</sup> MENDONÇA; RODRIGUES, 2014, p. 53.

<sup>17</sup> De acordo com Mendonça e Rodrigues, ponto nodal é ponto discursivo privilegiado que faria sentido a todas as diferenças, possibilitando aí com que as mesmas se articulassem em torno de uma lógica equivalencial. Idem, p. 51.



Estes movimentos de associação (aproximação) e dissociação (repulsão) acontecem em virtude de duas proposições lógicas de Laclau: uma de equivalência e uma de diferença. A primeira refere-se justamente à articulação entre demandas democráticas isoladas que, em razão da diferença negativa que possuem em relação a uma outra, encontram-se através do ponto nodal, passando, assim, a se articular conjuntamente. Já a segunda está situada na diferença positiva existente entre os elementos constituintes das demandas<sup>18</sup>.

É importante salientar que, conforme relata Mouffe<sup>19</sup>, tais diferenças não estão pré-postas de forma objetiva, mas a objetividade que as difere forma-se necessariamente de forma relacional, na medida em que um determinado grupo apenas pode se reconhecer como tal quando contrastado com um outro. Isto vai de acordo com o conceito de “exterior constitutivo” que a autora utiliza a partir de Staten, isto é, a formação política de um “nós” depende da emergência de um “eles” como sua condição de possibilidade.

É neste sentido que está situado o conceito de antagonismo em Laclau<sup>20</sup>. Conforme explica Mendonça<sup>21</sup>, observamos que o resultado das articulações antagônicas será a impossibilidade da constituição de uma totalidade discursiva, tendo em vista que, paradoxalmente, a formação de uma identidade discursiva é, ao mesmo tempo, a condição de existência e a ameaça à constituição de um discurso antagonizado. Desta forma, a possibilidade de conciliação entre diferentes demandas não só está descartada como também não significa um desajuste no social, uma vez que não é possível mitigar as próprias particularidades de forma a

---

<sup>18</sup> PESSOA, 2014, p. 155.

<sup>19</sup> MOUFFE, 2013, p. 185.

<sup>20</sup> LACLAU; MOUFFE, 1985.

<sup>21</sup> MENDONÇA, 2014. p. 52.



construir um consenso racional. Afinal, para Laclau e Mouffe<sup>22</sup>, se removidos os conflitos e as divisões da política, a ideia de uma democracia plural seria impossível.

É a partir dos conceitos aqui retratados, bem como tendo em vista que o campo da política é uma “expressão de uma estrutura particular das relações de poder”<sup>23</sup>, provocando a todo momento associações e exclusões sempre de forma precária e contingente, que iremos abordar a Teoria Ator-Rede, de Bruno Latour.

### **3. Teoria Ator-Rede: uma sociologia da mobilidade**

A proposta da Teoria Ator-Rede (TAR) advém como um contraponto a um dos princípios que as ciências sociais conservaram ao longo da história: uma epistemologia baseada na independência e na supremacia do humano sobre a técnica e a natureza<sup>24</sup>. Assim, uma das mais notáveis concepções sustentadas pela TAR é a da simetria nas relações entre humanos e objetos não-humanos, rompendo com a separação analítica entre sujeito e objeto, passando a referir-se ambos pelo conceito de ator. A partir disso, podemos dizer que a TAR é uma sociologia da mobilidade. Veremos que o seu foco de abordagem encontra-se nas associações formadas através das dinâmicas constituídas pelos atores, numa perspectiva que nega a existência da sociedade como uma substância, posicionando-se contrariamente à busca da explicação dos fenômenos de acordo com a sua suposta causa<sup>25</sup>.

O ponto de vista adotado por essa linha teórica não é estranho aos conceitos pós-estruturalistas que vimos até aqui. Conforme John Law, a TAR pode ser interpretada como uma versão empírica do pós-estruturalismo, uma vez que ambas tem como foco as relações precárias e a tradução destas. O autor inclusive sustenta

---

<sup>22</sup> LACLAU; MOUFFE, 1985.

<sup>23</sup> MOUFFE, 2013. p. 185.

<sup>24</sup> LEMOS, 2013, p. 14.

<sup>25</sup> Idem. p. 36.



que a lógica da TAR se baseia na investigação estratégica, relacional e focada no particular, como forma de visualizar as conexões heterogêneas entre os atores - elementos também encontrados no pós-estruturalismo, em autores como Deleuze e Foucault<sup>26</sup>. Todavia, esta semelhança não é compartilhada por Bruno Latour, alegando que somente a TAR promoveu um rompimento com a concepção de causalidade dos fenômenos<sup>27</sup>.

A tarefa da TAR pressupõe a noção do social o tipo de uma associação momentânea, caracterizada pela maneira com que novas formas são reunidas<sup>28</sup>. Neste sentido, André Lemos<sup>29</sup> afirma que o objetivo está em “descrever e analisar os entrelaçamentos em vias de se fazer, a circulação da agência antes das estabilizações, compreendendo os atores (humanos e não-humanos)”. A descrição dos eventos gerados por esses movimentos expõe a circulação da agência<sup>30</sup> antes da estabilização em uma caixa-preta<sup>31</sup>. Seguindo Michel Callon, o que gera os eventos são redes sociotécnicas e que, conhecendo o que está sendo transportado, bem como de que forma acontece a circulação, é que podemos apreender a matéria pela qual o social é constituído<sup>32</sup>, demonstrando que a formação do social aparece apenas quando exibidas as facetas das relações que criam o que entendemos como sociedade<sup>33</sup>. A rede aqui referida não é uma rede social, a infraestrutura ou a

---

<sup>26</sup> LAW, 2009, p. 6.

<sup>27</sup> 2005, p. 213.

<sup>28</sup> Ibidem, p. 65.

<sup>29</sup> LEMOS, 2013. p. 25.

<sup>30</sup> O conceito de agenciamento é originalmente de Deleuze e Guattari, que busca conceber a realidade superando a divisão binária entre indivíduo e sociedade. Neste sentido, “é o modo de funcionamento de um plano coletivo (...) de coengendramento dos seres. Cabe ressaltar que este plano coletivo e relacional é também o plano de produção de subjetividades” (ESCÓCIA; KASTRUP, 2005).

<sup>31</sup> André Lemos define o termo como a “estabilização (uma organização, um artefato, uma lei, um conceito) e a resolução de um problema). Após a estabilização, tudo se estabiliza (...) até o momento em que novos problemas apareçam (LEMOS, 2013. p. 55).

<sup>32</sup> CALLON, 2008.

<sup>33</sup> LEMOS, 2013. p. 25.



sociabilidade, ela é simplesmente o movimento da associação<sup>34</sup> ou, como descreve Latour, a rede é a sequência de ações onde cada participante é tratado efetivamente como um mediador<sup>35</sup>, isto é, “atores dotados da capacidade de traduzir aquilo que eles transportam, de redefini-lo, desdobrá-lo, e também de traí-lo”<sup>36</sup>.

É importante, neste ponto, que façamos a distinção entre a figura do mediador (ator) e do intermediário. A diferença básica consiste no fato de que o intermediário não é dotado de poder de influência ou de transformação, limitando-se apenas a transportar o que está em circulação sem modificar<sup>37</sup>. Todavia, isso não quer dizer que exista uma diferença de essência entre um e outro, afinal, conforme a lógica da TAR, um mesmo objeto pode ser ora ator, ora mediador, a depender da posição que ocupa no contexto em que se dá a sua subsistência. Assim, a tradução da representação do papel de cada objeto se dará através do conhecimento das associações da rede em que está inserido<sup>38</sup>.

### **3.1 A Cartografia de Controvérsias aplicada às Mídias Sociais**

Aplicando essa lógica, podemos entender que as mídias sociais podem não ser nem mídias, nem sociais. A atribuição de um significado a priori para determinado objeto seria, na perspectiva da TAR, uma presunção, uma forma de essencialização. Conforme Alex Primo<sup>39</sup>, o campo de estudos sobre mídias sociais costuma abordar os seus objetos de investigação como meras ferramentas transmissoras de informação, desconsiderando a sua influência material na constituição de uma rede. Neste sentido, a TAR possibilita a descrição da mídia

---

<sup>34</sup> Ibidem, p. 54.

<sup>35</sup> LATOUR, 2005, p. 138.

<sup>36</sup> LATOUR, 1994, p. 80.

<sup>37</sup> LEMOS, 2013, p. 47.

<sup>38</sup> Ibidem.

<sup>39</sup> PRIMO, 2012, p. 633.



social na agência de uma rede, seja no papel de mediadora, seja como intermediária.

A observação das associações pode ser feita pelo método da Cartografia de Controvérsias (CC), que é, sobretudo, um dos modelos de aplicação da TAR. Tommaso Venturini entende que a CC serve como uma versão didática da TAR. Segundo ele, esse método é descrito nas palavras de Latour como “apenas observe as controvérsias e diga o que você vê”, no entanto a prática não é tão simples quanto parece. Em suma, há três preceitos imbricados neste método de observação que devem ser seguidos: 1) o pesquisador não deve se restringir a apenas um ponto de vista teórico ou metodológico; 2) deverá ser adotado o maior número de pontos de vista possíveis, para mitigar os viesamentos; 3) as presunções do pesquisador não devem prevalecer sobre as vozes dos atores observados.

Neste sentido, ainda de acordo com Venturini<sup>40</sup>, uma controvérsia é uma situação de ampla discordância entre os atores, de modo que estes não conseguem ignorar as diferenças existentes entre si. O dissenso costuma se materializar não pela oposição de respostas a uma mesma pergunta, mas no sentido laclauniano de que os atores presentes, por possuírem formações discursivas antagônicas, não conseguem sequer referir-se às mesmas questões.

Seguindo a lógica da TAR, a controvérsia será composta tanto por atores humanos como não-humanos, sendo que todo ator pode ser decomposto em uma rede própria, assim como toda rede, independentemente do seu grau de heterogeneidade, pode emergir na função de um ator. Da mesma forma, cabe salientar que o conceito de simetria não pretende mitigar o papel das diferenças de poder presentes em uma rede, de modo que uma controvérsia consiste também em disputas pela manutenção e/ou pela dissolução de certos poderes<sup>41</sup>.

---

<sup>40</sup> Ibidem.

<sup>41</sup> Ibidem.



Para André Lemos<sup>42</sup>, a Cartografia de Controvérsias revela o diagrama das relações de força a partir da exposição da distribuição das ações na rede sociotécnica, visualizando as associações de mediação e os agenciamentos. Segundo o autor, o método pode ser descrito como um conjunto de técnicas para descrever as controvérsias a partir do desenhamento dos seus rastros<sup>43</sup>, de modo a revelar a diversidade de dimensões que constituem uma rede sociotécnica.

Neste sentido, observamos a partir de Lemos<sup>44</sup> e Venturini<sup>45</sup> que a CC pode ser um instrumento conveniente para a pesquisa nos meios digitais, uma vez que tudo que é mediado pela internet torna-se rastreável. Ao considerar que os rastros deixados pelas relações na rede são transformados em dados, as possibilidades de coleta de informações em larga escala permitem que o social seja mapeado sem que para isso seja necessário realizar uma distinção entre as dimensões micro e macro. No entanto, o autor italiano alerta que o digital não é suficiente para abordar todos os fenômenos do mundo<sup>46</sup>.

Posto isso, entendemos que a Teoria Ator-Rede, seguindo o seu método de mapeamento das controvérsias, possibilita a recepção da proposta da Teoria do Discurso de Ernesto Laclau como abordagem para descrever o papel das mídias sociais como mediadoras na constituição das confluências e dos antagonismos identitários nas associações das redes.

### 3.2. Confluências entre a Teoria do Discurso e a TAR

---

<sup>42</sup> LEMOS, 2013, p. 110.

<sup>43</sup> De acordo com Lemos, “rastros são índices, inscrições de uma ação passada. (...) Mas o rastro é uma marca produzida por dispositivos de percepção: sejam eles ópticos, cognitivos, digitais. Rastros são produzidos, seja a partir de instrumentos de inscrição, seja a partir de teorias ou metodologias de escuta”. Ibidem, p. 119.

<sup>44</sup> Ibidem. p. 55.

<sup>45</sup> VENTURINI, 2010, p. 796.

<sup>46</sup> Ibidem.



As perspectivas teórico-epistemológicas da Teoria do Discurso e da TAR possuem diversas confluências, principalmente pelas suas raízes no pós-estruturalismo. Verificamos, por exemplo, que a concepção do social como a formação de relações efêmeras, precárias, contingentes e heterogêneas é um dos pressupostos basilares de ambas as teorias. Da mesma forma, observamos que um dos propósitos da CC visa justamente traçar as associações entre os argumentos de diferentes atores, buscando descobrir como se dão as formações dos discursos<sup>47</sup>. Neste ponto, Venturini aponta que a posição de um discurso hegemônico - e, portanto, antagônico a um outro - em uma certa controvérsia pode indicar as visões de mundo que os seus atores são influenciados a acreditar como a realidade<sup>48</sup>. O mapeamento, neste caso, também pode revelar os pontos em que estão presentes as lógicas de equivalência e de diferença de uma dada formação discursiva.

Conforme Jodi Dean<sup>49</sup>, outro sentido em que Laclau e a TAR convergem é quanto à ideia de não existência da sociedade, isto é, conforme já visto anteriormente, o que permanece neste caso é um social em incessante formação. Por esta lógica, a definição de mídia social, tanto para a teoria do discurso pós-marxista quanto para a sociologia da mobilidade é a de um ambiente comunicacional caótico, em que a única diferença consistiria na forma de abordagem, enquanto a primeira terá como foco os conflitos identitários e as formações de coalizões, a segunda centrar-se menos no conteúdo e mais nas formas de associação. Nesta perspectiva, observando quanto à possibilidade de ambas as teorias complementarem-se, podemos chegar a uma conclusão provisória, a partir de Venturini<sup>50</sup>, que as duas teorias podem se complementar, posto que a

---

<sup>47</sup> Ibidem.

<sup>48</sup> Ibidem.

<sup>49</sup> DEAN, 2013.

<sup>50</sup> VENTUNI, 2010.



TAR não pretende fechar-se em si mesma ou, conforme os termos do autor, ela não baseia-se na monogamia teórica.

#### **4. Considerações Finais**

O debate em torno das associações identitárias e das formas de manifestação nas relações mediadas pelas mídias sociais, não raro, é empreendido através de paradigmas teóricos-epistemológicos que essencializam e determinam o papel da técnica nas relações do social. Neste sentido, a teoria de Laclau, combinada à Teoria Ator-Rede, pode significar uma proposta original para compreender as articulações discursivas nos meios digitais, principalmente quando temos em vista os fenômenos recentes no campo da política. Podemos perceber, contrariamente ao modelo racional de esfera pública, proposto por Habermas<sup>51</sup>, que o poder que a dimensão do emocional vem transparecendo nas mobilizações identitárias movidas nas mídias digitais e, neste sentido, a proposta de Laclau pode servir como um guia primordial para possamos construir uma forma de compreensão<sup>52</sup>.

Assim, concluímos esta reflexão inicial ao trazer, primeiramente, os principais conceitos da Teoria do Discurso pós-marxista, com foco nas noções de hegemonia e de antagonismo, observando como estes dois conceitos articulam demandas identitárias heterogêneas a partir das lógicas de equivalência e diferença. No segundo momento, sintetizamos a perspectiva da Teoria Ator-Rede na captação dos fenômenos do social, com o objetivo de trazer à tona - consideradas as influências do pós-estruturalismo - algumas das similaridades que a sociologia da mobilidade possui com os conceitos de Laclau.

Por fim, entendemos ser possível a articulação teórico-epistemológica entre as duas perspectivas aqui abordadas, uma vez que, conforme mencionamos, as

---

<sup>51</sup> MOUFFE, 2013. p. 189.

<sup>52</sup> Neste sentido, ver SAMUELS, Robert (2009, p. 198).



confluências entre a Teoria do Discurso e TAR podem promover a construção de um ponto de vista que contemple, complementarmente, os dois aportes teóricos. No entanto, pelo caráter reflexivo e introdutório do presente estudo, serão necessários desenvolvimentos futuros para, levando em conta um objeto de pesquisa mais apontar, de maneira mais consistente, quais são os limites e as possibilidades de articulação das noções de hegemonia e de antagonismo através do mapeamento das controvérsias nas redes sociotécnicas.

## 5. Referências

BIGLIERI, Paula. Populismo e emancipações: a política radical hoje, uma aproximação (com variações) ao pensamento de Ernesto Laclau. In: MENDONÇA, Daniel de; RODRIGUES, Léo Peixoto; LINHARES, Bianca. Laclau e seu legado transdisciplinar. 1ª ed. São Paulo: Intermeios, 2017.

BURITY, Joanildo Albuquerque. Discurso, política e sujeito na teoria da hegemonia de Ernesto Laclau. In: MENDONÇA, Daniel de; RODRIGUES, Léo Peixoto. Pós-Estruturalismo e Teoria do Discurso: em torno de Ernesto Laclau. 2ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

CALLON, Michel. Entrevista com Michel Callon: dos estudos de laboratório aos estudos de coletivos heterogêneos, passando pelos gerenciamentos econômicos. Sociologias. Porto Alegre, vol. 19. jan-jun, 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-45222008000100013](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222008000100013)>. Acesso em 03/09/2017.



DEAN, Jodi. Society doesn't exist. *First Monday*. Chicago, vol. 18, nº 3. mar, 2013. Disponível em: <<http://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/view/4616/3419>>. Acesso em 15/09/2017.

LACLAU, Ernesto. MOUFFE, Chantal. *Hegemony and socialist strategy: towards a radical democratic politics*. 2ª ed. London: Verso, 1985.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

\_\_\_\_\_. *Reassembling the Social: an introduction to Actor Network Theory*. New York: Oxford University Press, 2005.

LEMOS, André. *A Comunicação das Coisas: teoria ator-rede e cibercultura*. 1ª ed. São Paulo: Annablume, 2013.

ESCÓCIA, Líliliana da; KASTRUP, Virgínia. O conceito de coletivo como superação da dicotomia indivíduo-sociedade. *Psicologia em Estudo*, v. 10, nº 2, mai-ago, 2005 (pp. 295-304). Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v10n2/v10n2a17>>. Acesso em 15/09/2017.

LOPES, Alice Casimiro. Teorias Pós-Críticas, Política e Currículo. *Dossier Temático: Configurações da Investigação Educacional no Brasil. Educação, Sociedade & Culturas*, nº 39, 2013, (pp. 7-23). Disponível em <<http://www.fpce.up.pt/ciie/sites/default/files/02.AliceLopes.pdf>>. Acesso em 14/09/2017.



LAW, J. Actor network theory and material semiotics. In: TURNER, B. S. (Ed.). *The new Blackwell companion to social theory*, Chichester: Wiley-Blackwell, p. 141–158, 2009. Disponível em:

<<http://www.heterogeneities.net/publications/Law2007ANTandMaterialSemiotics.pdf>>

. Acesso em 03/09/2017.

MENDONÇA, Daniel de. A impossibilidade da emancipação: notas a partir da teoria do discurso. In: MENDONÇA, Daniel de; RODRIGUES, Léo Peixoto. *Pós-Estruturalismo e Teoria do Discurso: em torno de Ernesto Laclau*. 2ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

MENDONÇA, Daniel de; RODRIGUES, Léo Peixoto. Em torno de Ernesto Laclau: pós-estruturalismo e teoria do discurso. In: MENDONÇA, Daniel de; RODRIGUES, Léo Peixoto (Org.). *Pós-Estruturalismo e Teoria do Discurso: em torno de Ernesto Laclau*. 2ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

MOUFFE, Chantal. Quais espaços públicos para práticas de arte crítica?. In: *Arte & Ensaios 27*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais – EBA / UFRJ. Rio de Janeiro: PPGAV-EBA/UFRJ, ano XXI, número 27, 2013. Disponível em:

<<http://www.ppgav.eba.ufrj.br/wp-content/uploads/2015/03/tematicas-chantal.pdf>>.

Acesso em 15/09/2017>.

PESSOA, Carlos. Hegemonia em tempos de globalização. MENDONÇA, Daniel de; RODRIGUES, Léo Peixoto. *Pós-Estruturalismo e Teoria do Discurso: em torno de Ernesto Laclau*. 2ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.



PRIMO, Alex. O que há de social nas mídias sociais? Reflexões a partir da Teoria Ator-Rede. *Revista Contemporânea*. V. 10, n. 3. Salvador: UFBA, 2012. p. 633. Disponível em: <<https://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/viewFile/6800/4681>>.

RODRIGUES, Léo Peixoto. O Estruturalismo francês: aspectos históricos e epistemológicos. *In*: SCHULZ, Rosangela Martione (Org.). Pelotas: Editora UFPEL, 2010.

SAMUELS, Robert. ed. *New Media, Cultural Studies, and Critical Theory After Postmodernism: Automodernity from Žižek to Laclau*. New York: Palgrave Macmillan, 2009.

VENTURINI, Tommaso. Diving in magma: How to explore controversies with actor-network theory. *In*: *Public Understanding the of Science* 19 (3). Disponível em <[http://www.tommasoventurini.it/web/uploads/tommaso\\_venturini/Diving\\_in\\_Magma.pdf](http://www.tommasoventurini.it/web/uploads/tommaso_venturini/Diving_in_Magma.pdf)>. Acesso em 15/09/2017

\_\_\_\_\_. Building on faults: how to represent controversies with digital methods, 796-812. *In*: *Public Understanding of Science* 21/07: 796. London: Sage. Disponível em: <[http://www.tommasoventurini.it/web/uploads/tommaso\\_venturini/BuildingOnFaults.pdf](http://www.tommasoventurini.it/web/uploads/tommaso_venturini/BuildingOnFaults.pdf)> . Acesso em 15/09/2017.



